

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PEDAGOGIA

**O ORIGAMI COMO UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA
NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

KELLY PATRÍCIA ANDRADE LIRA

RIO DE JANEIRO, 2010

**Ô ORIGAMI CÔMO UMA FERRAMENTA PEDAGÔGICA
NÔ ENSINÔ FUNDAMENTAL.**

Por

KELLY PATRÍCIA ANDRADE LIRA

Monografia apresentada para conclusão
de curso de Licenciatura em Pedagogia
da Unirio, sob orientação da professora
Sandra Albernaz de Medeiros.

Rio de Janeiro, 2010

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, por tudo o que me tem concedido viver e pela oportunidade de concluir este projeto.

À minha mãe, por sempre ter sido meu porto seguro nos momentos mais difíceis.

À minha filha, minha força e meu maior estímulo de chegar até aqui.

Ao meu esposo Ananias, pelo incentivo e apoio de sempre, por suportar minha ausência e insegurança nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora Sandra Albernaz, pela sua carinhosa acolhida, incentivo e sabedoria.

Aos demais professores do curso de Pedagogia da Unirio, que participaram da minha formação e tanto me ajudaram nesta caminhada.

LIRA, Kelly Patrícia Andrade, **O Origami como uma ferramenta pedagógica no Ensino Fundamental**. Monografia (licenciatura em Pedagogia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

RESUMO

Este trabalho tem com objetivo principal apresentar e propor o Origami (dobraduras em papel) como uma prática pedagógica pertinente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. O Origami em sala de aula é um excelente aliado do professor como recurso pedagógico para se trabalhar diversos temas de forma interdisciplinar. De forma lúdica, esta arte milenar é um canal de livre expressão da criatividade e da sensibilidade de cada indivíduo participante. Mais que um divertimento, desperta a atenção e a concentração, aguça a curiosidade e o interesse, trabalha e faz progredir os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor, explora a coordenação motora ampla, a coordenação motora fina, a coordenação viso-motora, a acuidade visual; e atua sobre a auto-estima, a memória, o raciocínio e o pensamento abstrato do educando, além de outros benefícios. A monografia procura contar um pouco da história desta arte milenar oriental, por entender a sua importância no processo educativo e por considerá-la uma arte propícia ao educador e significativa ao educando, gerando o despertar de habilidades e potencialidades.

Palavras-chave: Origami, educação, ferramenta pedagógica

Origami está

Onde está a brincadeira?

Origami está.

Onde está a poesia?

Origami está.

Nas asas da fantasia

Nos mares a voar

Vai o papel e o menino

Nas asas da fantasia

Nos mares a voar

Vai o papel e o menino

Nas asas da vida a cantar

Onde está o nosso afeto?

Nossa mente?

E nossa ação?

Origami independente

Integra toda essa ação

Onde o dobrar que consente

O brincar e a imaginação

Também aprende o mundo

Que já existia então.

O passado e o presente

Se desdobram em nossas mãos

Preparando um futuro

Com mais vida e educação.

Iara Kauffman

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1- O ORIGAMI E SUA HISTÓRIA.....	10
1.1. O ORIGAMI E O XINTOÍSMO.....	12
1.2. O TRABALHO COM ORIGAMI.....	14
1.3. PASSOS PARA TRABALHAR COM O ORIGAMI.....	14
CAPÍTULO 2 - O ORIGAMI COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.....	22
CAPÍTULO 3- EXPERIÊNCIA DE TRABALHO PEDAGÓGICO COM O ORIGAMI - RELATO.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXOS 1.....	33
ANEXOS 2.....	36

INTRODUÇÃO

Todo Origami começa quando pomos a mão em movimento. Há uma grande diferença entre compreender alguma coisa através da mente e conhecer através do tato.

Tomoko Fuse.

Escolhi desenvolver meu trabalho de monografia sobre Origami por acreditar que esta arte milenar de origem japonesa é uma excelente ferramenta pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Penso que o Origami é mais que uma arte que pode apenas ser apreciada por sua beleza e delicadeza ou algo impossível de ser construído devido a sua riqueza de detalhes. Ele é uma ferramenta imprescindível, se bem trabalhado e desenvolvido em sala de aula.

Esta arte milenar japonesa é uma prática que relaxa e aumenta a autonomia do aluno sendo empregada em diversas atividades, podendo transformar-se em enfeites, auxiliar na sala de aula, nos consultórios, nas decorações em geral. (GILBERT, 1991)

Desde a sua confecção pode-se observar quantos elementos podem ser explorados dos alunos tais como: a atenção, a concentração, a criatividade, a noção de sequência lógica, a coordenação motora fina, a paciência, a afetividade e a emoção.

WALLON (1995) nos fala que a emoção têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. E por meio delas que o aluno externa seus desejos e suas vontades.

O Origami possui uma incrível versatilidade podendo ser trabalhado em diversas disciplinas do currículo escolar. Como por exemplo:

1. No ensino da Matemática, trabalhando com geometria plana e espacial (sólidos geométricos), noção de espaço (maior e menor), noção de tamanho (pequeno e grande).

2. No ensino de Ciências Naturais, contribuindo na confecção e visualização de animais, plantas, flores, etc.

3. No ensino de Língua Portuguesa, na feitura do alfabeto e também com dramatizações de personagens de textos trabalhados em sala de aula.

4. No ensino da Educação Artística, trabalhando com cores, formas, criatividade, beleza na criação, etc.

GENOVA (2001) diz sobre utilizar esta técnica nas disciplinas acima citadas:

Por ter um significado próprio cada Origami pode ser aplicado em escolas, livrarias, papelarias, associações, clínicas, eventos. Neste estudo enfatizo seus benefícios nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pois todas as crianças que estão cursando estas séries trabalham separadamente cada disciplina e, assim, podem utilizar esta arte fascinante para desenvolver a criatividade, aprimorar a coordenação motora fina, tornando-se mais organizadas. Estes ganhos são favorecidos pela ordem de execução que o Origami, enquanto técnica, exige. (p. 14)

Ainda sobre isso FROEBEL (1950) afirma que:

Atualmente o Origami é reconhecido como uma ciência. Além dos benefícios no aprendizado escolar sua arte, além do divertimento e prazer, pode transformar-se em enfeites. O fascínio proporcionado pela transformação de um simples pedaço de papel, por meio de dobras parece contribuir para os ganhos acima relatados. Nesta transformação observamos surgirem as mais variadas figuras como animais, flores, caixas, brinquedos, objetos utilitários, figuras geométricas decorativas e ilustrativas e o que mais a imaginação permitir.(p.9)

Os objetivos desta monografia são apresentar as contribuições do trabalho com dobraduras de papel (Origami) para o desenvolvimento do aluno do Ensino Fundamental e propor esta arte como uma prática pedagógica em turmas do Ensino Fundamental.

Tem com objetivo ainda, apresentar o Origami como recurso pertinente para auxiliar o professor nos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula utilizando-o como fonte de visualização espacial de um objeto.

O trabalho se justifica por dar aos professores interessados na temática, informações e conhecimento sobre o assunto. Além disso, são apresentadas sugestões e atividades que podem conduzir o docente na utilização desta arte em sala de aula.

O trabalho está organizado da seguinte maneira:

O primeiro capítulo se constitui da descrição sobre o que é o Origami e de um breve histórico sobre esta arte. Ainda no primeiro capítulo trato sobre o Xintoísmo, religião japonesa onde o Origami pôde se enriquecer ao serem utilizadas peças nos rituais de cerimônia. Sigo falando sobre o trabalho com o Origami e os passos para trabalhar com ele.

No capítulo 2 aborda o Origami no processo pedagógico propondo esta técnica como uma ferramenta pedagógica.

No capítulo 3, apresenta o relato da experiência vivida com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, na execução de algumas oficinas de Origami na escola Kerma Moreira Franco, da rede municipal do município de Nova Iguaçu, no Estado Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 1

Ô ORIGAMI E SUA HISTÓRIA

O papel foi inventado na China no ano 105 a.C., no processo de mistura de casca de árvores, redes de pesca e panos. Foi utilizado para substituir a seda, antes utilizada para fazer à escrita.

O segredo da técnica dessa mistura se manteve em sigilo pelo império chinês por vários séculos. Quando no século VI, os japoneses tomaram conhecimento deste invento, por intermédio de monges budistas chineses.

No século VII os árabes descobriram o segredo do processo e na Europa a difusão da técnica só chegou em torno do século XII.

O tipo de papel criado a princípio na China era duro e quebradiço, o que não permitia dobras. Tendo em vista sua pouca qualidade, os japoneses criaram o *washi*, um tipo de papel específico e de melhor maleabilidade o qual se permitia a dobra, dessa forma, portanto, se iniciou as primeiras dobras em papel.

A palavra Origami tem origem japonesa e significa *dobrar papel* (ORI = dobrar / Kami = papel), o que conceitua esta arte milenar de dobrar papel, transformando-o em figuras.

A história do Origami pode ser dividida em três grandes períodos:

- 1- O período Heian (794-1185)- O papel nessa época não era de fácil acesso o que o tornara elemento de luxo e de custo alto, somente o clero e a nobreza tiveram contato com o Origami inicialmente.

De acordo com Zülal (1997, p.3) o Origami era considerado um passatempo divertido e elegante na corte imperial japonesa.

Neste período algumas peças de Origami foram utilizadas em cerimônias Xintoístas na decoração e na composição de elementos simbólicos.

- 2- O período Muromachi (1338 – 1576)- Neste período o papel tornara se um produto mais acessível à população. De acordo com o acessório, feito de

Origami, utilizado por uma pessoa podia-se diferenciar a classe social do cidadão.

3- Período Tokugawa ou Período Edo (1603-1867)- Os primeiros livros sobre Origami surgem nesta fase.

Anteriormente os modelos eram transmitidos oralmente de geração em geração até que se gravava mentalmente a sequência para a construção do mesmo.

O primeiro livro que se tem registro sobre o Origami foi criado em 1797, por Hiden Sembazuru Oricata. Nele continha vários passos para a construção do chamado “pássaro sagrado da Índias”. Em 1845, outro livro foi publicado por Kan No Mado.

Vale destacar que Friederich Froebel foi o primeiro educador a utilizar o Origami em sala de aula, no século XIX, na Alemanha. Este trabalho foi realizado com suas turmas de Educação Infantil.

Froebel foi fundador do movimento Kindergarten¹, onde uma das atividades propostas era o trabalho com o Origami.

De acordo com Kasahara (1998), a proposta de Froebel era dividida em três categorias: *dobras da vida*, *dobras da verdade* e *dobras da beleza*.

As *dobras da vida* eram dobraduras que possuíam caráter introdutório da técnica na criança. Eram feitas de objetos simples ou animais.

As *dobras da verdade* ajudavam as crianças a entender os conceitos da Geometria Euclidiana².

As *dobras da beleza*³ eram dirigidas a desenvolver o senso estético e a criatividade do aluno.

Essas dobraduras caracterizavam-se por possuir dobras simétricas, possibilitando uma enorme variedade na criação de novos modelos, o que estimulava os alunos a alterar ou modificar modelos já existentes.

Essas peças construídas pelos alunos de Froebel, por volta do final do século XIX e início do século XX estão espalhadas atualmente em museus de todo o mundo.

¹ Neste movimento as crianças praticavam atividades com brinquedos e jogos intitulados como “gifts” e “occupations”, respectivamente.

² Na matemática, Geometria euclidiana é a geometria sobre planos ou objetos em três dimensões baseados nos postulados de Euclides de Alexandria.

³ Esta categoria era o forte no trabalho de Froebel com o Origami.

Embora a idéia inicial de Froebel fosse estimular a criatividade de seus alunos, aguçando-lhes a ideia de novas criações não teve sucesso por muito tempo.

A reprodução de peças já existentes tendia a acontecer, o que acabou gerando por parte dos alunos o desinteresse pela técnica e foi posteriormente substituída por outras artes.

Koda (1986) nos relata sobre este fato:

(...) surgiu um movimento que punha em dúvida a educação unificada e padronizada, questionando também o fato de se fazer “origami” seguindo sempre o modo de dobrar já pré-estabelecido. (...) o “origami” dá margem à atividade criativa livre, a partir das regras básicas para se dobrar o papel.”. (p.16)

Atualmente, em todo o mundo, se tem conhecimento do Origami, sendo mais que uma prática, mas reconhecido como uma arte milenar japonesa e que possivelmente possa ser inserida no contexto escolar.

Conhecendo a arte de outra culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura a riqueza e a diversidade da imaginação humana. (PCN's, 1997, p.19).

1.1- O ORIGAMI E O XINTOÍSMO

O Xintoísmo é uma religião de origem japonesa que existe há pelo menos dois milênios.

O termo xintó foi utilizado pela primeira vez por volta do século XI e quer dizer “caminho dos deuses”. Diferenciando-se das demais religiões, o Xintoísmo não possui um fundador específico e idolatrado, não possui um livro sagrado, dogmas ou código moral. (XP MARCUS, p. 4-5)

O Origami passou a fazer parte das cerimônias Xintoístas durante o período Heian (794-1185), sendo utilizado de forma simbólica.

Durante os rituais eram distribuídos os noshi⁴, oferendas feitas nos templos que eram envolvidas em papel.

Nas cerimônias xintoístas o Origami era confeccionado com algumas regras básicas, respeitadas por todos os praticantes.

Algumas delas são: Utilizar exclusivamente a folha de papel branca;

Utilizar a base retangular para a criação de alguma peça.

Não eram aceitas a utilização de outros materiais além do papel, como cola, tesoura ou similares.

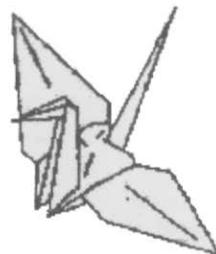
A partir do século XVII estas rigorosas regras foram enfraquecendo permitindo mais liberdade na criação das peças, tolerando-se pequenos cortes, desde que feitos no início do processo.

O Origami era visto nessas cerimônias religiosas como representantes da natureza, eram entendidos como forma de transmissão ou registro da intenção da cerimônia.

Um rito que também ganhou destaque nas cerimônias Xintoístas, por volta do século XIX, foi o chamado rito matrimonial.

Neste rito, eram utilizados Origamis nas cerimônias de casamento, representando borboletas que simbolizavam o sexo masculino e o feminino. As dobraduras eram envolvidas em garrafas de saquê simbolizando a união.

Outro Origami utilizado nessas cerimônias são os tsurus⁵ (cegonha), que simbolizam paz, sorte, proteção, fortuna e saúde. É considerado até os dias atuais como ave da sorte e é sem dúvida o Origami mais popular no Japão.



⁴ Sua principal função era separar o puro do impuro.

⁵ Diz a tradição que se fizermos 1000 tsurus e durante a sua feitura tivermos o pensamento voltado para um pedido, o nosso desejo será alcançado.

1.2- O TRABALHO COM O ORIGAMI

A dobradura pode e deve ser usada por crianças.

Nos três primeiros anos, a criança pode ouvir músicas e histórias com personagens construídos em dobraduras e se envolver corporalmente com o papel: amassando, rasgando, fazendo sons e movimentos, dramatizando.

Aos quatro anos a criança já percebe as pontas do papel, possibilitando-a a realizar dobras simples, que lembram os personagens de sua dramatização.

Por volta de seis anos a criança desenvolve a motricidade fina e pode aprender as primeiras dobras. É importante nesta fase não limitar a criação da criança com sequências prontas para a construção de algum objeto específico. O interessante neste processo é deixar fluir a imaginação dos pequenos.

O trabalho com Origami não delimita idade ou exige o domínio da técnica, são nas primeiras dobras que se alcança a magia de ver o papel se transformando em figuras.

Deixar a imaginação fluir através das mãos e dos dedos é o grande segredo para um bom trabalho com o Origami.

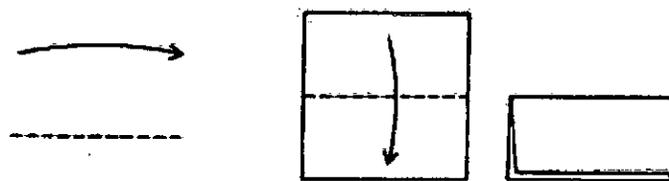
1.3- PASSOS PARA TRABALHAR COM O ORIGAMI

De modo geral o uso do Origami deve seguir estes passos:

- Manipulação do papel (explorando-o).
- Trabalho com as linhas do papel (vincos).
- Aprendizagem de técnicas.

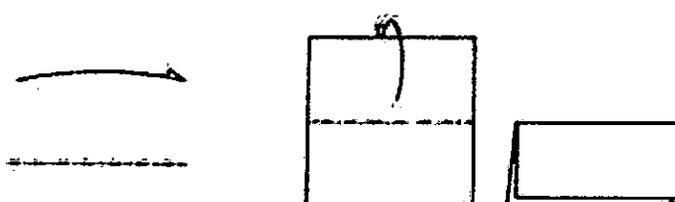
Seguir o passo a passo é imprescindível para a confecção de alguma peça, conhecer alguns termos são essenciais para sua feitura. Segue o exemplo de algumas dobras básicas:

Valley Fold “Dobra em vale”



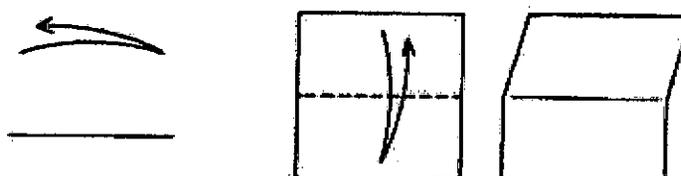
Fazer um Valley fold se constitui em unir as duas partes extremas do papel, cortado na base quadrada ou retangular, a linha tracejada faz referência ao centro do papel, a seta indica a direção (movimento a ser feito) que o mesmo deve ser dobrado, neste caso para baixo.

Mountain fold “dobra em montanha”



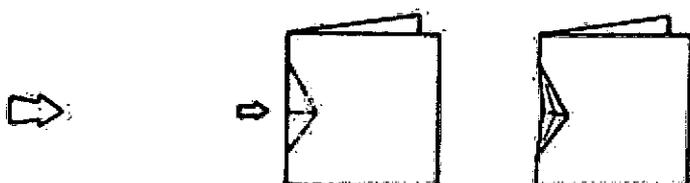
Faz-se um Mountain fold, quando se une as duas extremidades do papel, de forma que a parte superior é dobrada para trás, afastando-se de nós. A seta serve para mostrar que a dobra deve ser feita de modo contrária da nossa direção.

Fold and unfold “Dobrar e desdobrar”



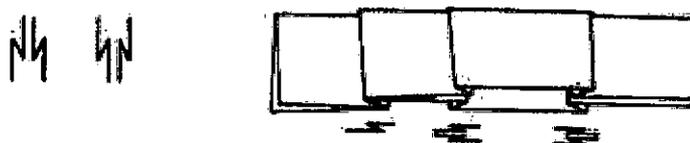
Fazer um Fold and unfold é dobrar o papel de forma a ser respeitado à indicação da seta, ou seja, o papel deve ser dobrado e em seguida desdobrado. Sendo indicado por uma leve linha, a parte vincada.

Push here “empurrar aqui”



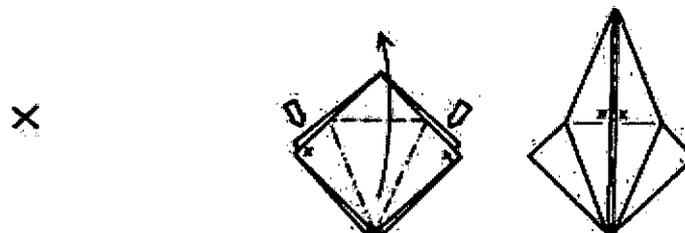
O push here é indicado por uma pequena seta que mostra que a dobra deve ser feita para a parte interna, ou seja, o papel deve ser empurrado na parte indicada.

Configurações das bordas do papel



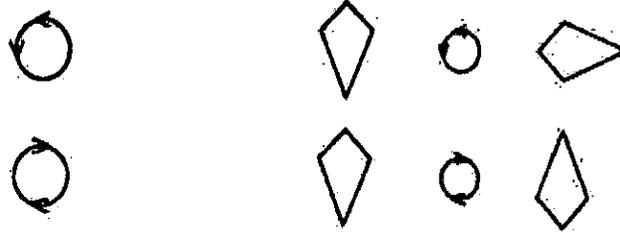
Refere-se em dobrar uma folha de papel formando um zig e zag. Pode ser feito por exemplo, por um Valley fold, e depois um Mountain fold.

Dar atenção a pontos



Quando se quer enfatizar um ponto da dobradura, é marcado nela um x para destacar que as próximas dobras prosseguirão deste ponto.

Rodar



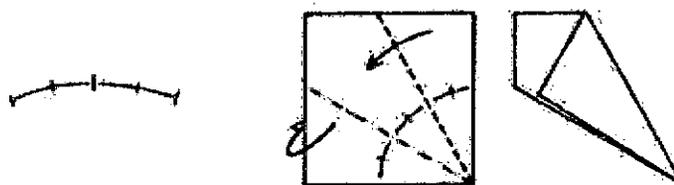
É apresentada por um círculo com duas setas mostrando a direção da rotação (sentido horário ou anti horário) e o espaço de quanto se deve rodar a dobradura (nos exemplo: 90° e 180° graus, respectivamente).

Distâncias iguais



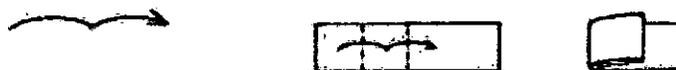
Quando se quer mostrar que duas ou mais dobras devem ser feitas com a mesma distância, ficando portanto, todas do mesmo tamanho.

Ângulos iguais



Refere-se às dobras no qual os ângulos formados são iguais. São representados por arcos do mesmo tamanho.

Dobrar e tornar a dobra sempre a última dobra



Refere-se à quantidade de voltas (Valley fold) que faz a seta indicada. De acordo com o número de voltas, será o número de dobras a serem feitas no papel.

Open Sink “Afundar aberto”



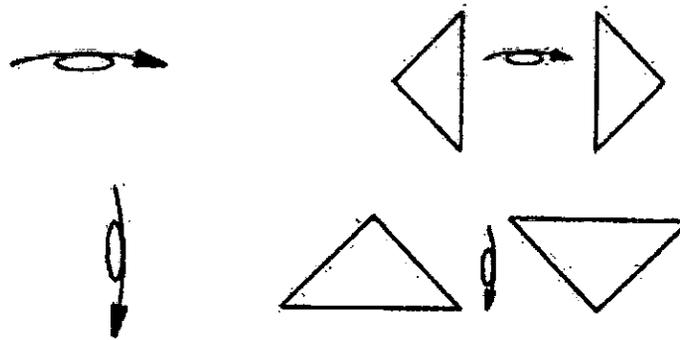
Trata-se de uma dobra, indicada por uma seta (sem preenchimento e sem cauda), cujo qual o papel deve ser achatado até o limite das linhas tracejadas.

Closed sink “Afundar fechado”



Neste caso, o papel é achatado como no Open Sink, sendo que nesta dobra não se desdobra parte do modelo. É indicado por uma seta cheia e sem cauda.

Virar o papel ao contrário



Esta dobra é indicada por uma seta que faz uma volta. Esta volta diz que o papel deve ser virado de acordo com a sua direção. Se a seta estiver na horizontal o papel deverá ser virado de um lado para o outro, se a seta estiver na vertical o papel deverá ser virado de cima para baixo.

Tirar papel daqui



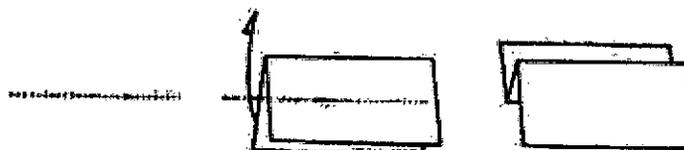
Trata-se de uma dobra indicada por uma seta sem preenchimento e com uma cova na cauda mostrando que o papel deverá ser retirado (puxado) da parte interior daquela dobradura.

Vista do interior



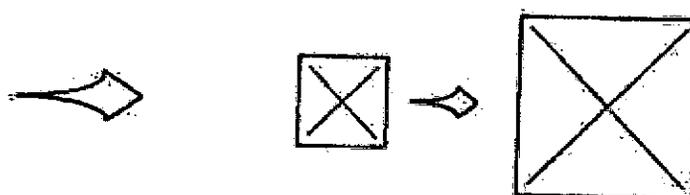
É indicada por uma linha sinuosa, mostrando que nesta dobra há camadas internas na dobradura.

Linha de raio x



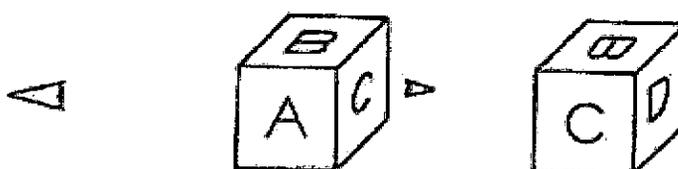
É indicada por uma linha clara e pontilhada que quer mostrar uma pequena abertura na dobra, constatando que ali foi realizado um Valley fold ou um Mountain fold.

Próximo passo com vista em maior escala



Uma seta sem preenchimento cuja cauda vai aumentando indica que o próximo desenho representa uma imagem ampliada do mesmo.

Próxima vista a partir do ângulo indicado



É representado por um símbolo semelhante a um olho, desenhado de lado, para mostrar que ele está voltado para uma face de uma dobradura tridimensional. No passo seguinte, este "olho" se volta para a próxima face a ser explorada.

Segurar aqui e puxar



Esta dobra é representada pelo símbolo de um círculo ligado a uma seta. Serve para indicar que a dobradura deve ser “puxada” na indicação do símbolo. Se houver dois sinais, entende-se que o movimento deve ser feito com as duas mãos.

Ô ORIGAMI CÔMO FERRAMENTA PEDAGÔGICA

O uso do Origami como apoio pedagógico traz, entre outros benefícios, o contato com uma nova cultura (oriental), o que promove para o aluno uma reflexão sobre outros costumes, tradições, história, língua e música.

Sans (1994) nos diz quanto à formação cultural: “Sabe-se que a formação cultural é indispensável, porque remete o professor e o aluno à única forma possível de aprender, que é o criar.” (p.5).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais no diz a respeito do objetivo do conceito de arte: “Conhecer a pluralidade do patrimônio sociocultural bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações”. (PCN’s, 1997, p.5)

Assim como afirma os Parâmetros Curriculares Nacionais a respeito do objetivo de arte verifica-e que o Origami possibilita o contato de professores e alunos com outros povos e costumes.

A dobradura estimula também o senso estético quanto à criação, ornamentação e experimentação. Possibilita ao aluno o contato com diferentes texturas e cores de papéis o que lhe dá autonomia quanto à criação de um objeto, possibilitando uma confecção subjetiva.

Assim é que vamos encontrar, mesmo nos povos mais primitivos, o gosto pela decoração, pelo emprego de linhas, formas e cores que nada têm a ver com o desempenho prático do objeto, e que apenas servem para lhe conferir uma categoria ou uma superioridade. Não se pode deixar de considerar outros fatores importantes, como o sentido místico, espiritual, religioso da obra de arte. (SOUZA, 1980, p. 3)

Quanto à espontaneidade na criação Piaget nos diz:

A educação artística deve ser, antes de tudo, a educação da espontaneidade estética e de capacidade de criação cuja presença é manifesta na criança pequena; e ela não pode, menos ainda que outras formas de educação, se contentar com a transmissão e aceitação passiva de uma verdade ou de um ideal totalmente elaborado: a beleza, como a verdade, somente tem valor quando recriada pelo sujeito que a conquista. (PIAGET, 1954, p. 34)

O trabalho manual do Origami desenvolve as habilidades motoras, que exige do praticante certa precisão e requinte nas dobras, além de estimular a coordenação motora fina do praticante.

São tratadas também questões como o equilíbrio e o desenvolvimento da organização espacial o que possibilita ao professor trabalhar com os alunos a noção de parte e de todo.

A respeito disso Genova (1998) diz:

Auxilia no despertar das noções de equilíbrio, espaço e na fixação das dobras na sua programação do que será feito e a ordem para executá-lo até chegar ao resultado final. Além disso, acalma quem faz e agrada a quem recebe, pois cada peça tem intencionalmente um significado. (p.12)

A arte das dobraduras possibilita a elaboração de uma sequência de atividades e a memorização dos passos na confecção de alguma peça.

A atenção e concentração são pontos primordiais no trabalho desta técnica, para o quê é necessário certa dedicação e empenho de sua feitura.

Quando a sua realização é feita em grupo, o Origami possibilita a cooperação, a paciência e a socialização.

Entende-se que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, pois é mediada por meios que se constituem nas “ferramentas auxiliares” da atividade humana. A capacidade de criar essas ferramentas é exclusiva do homem, e é através delas que os processos de funcionamento psicológico são fornecidos pela cultura. (REGÖ, 2000, p.7)

O Origami provoca o lúdico e o “faz de conta” e através do papel torna-se possível construir uma ponte entre o real e a fantasia.

Através da brincadeira, a criança aprende a atuar numa esfera cognitiva e consegue dar pistas aos seus educadores de elementos ausentes à sua realidade, como no caso das brincadeiras de faz de conta, criando situações do seu imaginário. Isto pode ser alcançado no trabalho com as dobraduras.

Vygotsky (1926) nos diz sobre o ato de brincar:

A brincadeira é a melhor forma de organização do comportamento emocional. A brincadeira da criança é sempre emocional, desperta nela sentimentos fortes e nítidos, mas a ensina a seguir cegamente as emoções, a combiná-las com as regras do jogo e o seu objetivo final.

Assim a brincadeira constitui as primeiras formas de comportamento consciente que surgem na base do instinto e do emocional. É o melhor meio de uma educação integral de todas essas diferentes formas e estabelecimento de uma correta coordenação e um vínculo entre elas. (p.147)

Ele ainda afirma sobre o brincar no processo de aprendizagem:

(...) o melhor método é aquele em que as crianças não aprendem a ler e escrever mas, sim, descubram essas habilidades durante as situações de brinqueado. Para isso é necessário que as letras se tornem elementos da vida das crianças, da mesma maneira aprendem a falar, elas podem muito bem aprender a ler e escrever. (p.156)

Por fim, o Origami é um excelente material didático e um recurso perfeitamente acessível no contexto escolar. Seu custo é baixíssimo e necessita apenas de uma folha de papel.

Através da arte do Origami, verifica-se o despertar de habilidades motoras inertes e o desenvolvimento de potencialidades do aluno, anteriormente mencionadas.

CAPÍTULO 3

EXPERIÊNCIA DE TRABALHO PEDAGÓGICO COM O ORIGAMI – RELATÓ

Neste capítulo me proponho a relatar algumas oficinas de Origami em que tive a oportunidade de ministrar numa escola municipal, localizada no bairro de Austin, município de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro.

As oficinas ocorreram ao longo de duas semanas e tiveram duração de 30 minutos diários.

O público alvo foi uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental e foi realizado sem o caráter obrigatório de presença.⁶

As oficinas ocorreram na biblioteca da escola, onde havia uma mesa grande e as crianças podiam se acomodar confortavelmente.

O trabalho se dividiu em três etapas.

1) Introdução aos alunos do que é o Origami:

Nesta etapa, houve um contato inicial com a turma.

Iniciou-se uma conversa sobre o que seria o Origami, onde surgiu esta arte e qual a sua utilidade para nós.

De acordo com Paulo Freire (2005): “Acredita-se que os processos de autonomia e reflexão tiveram seu alicerce nas mediações, por meio do diálogo e dos questionamentos, estratégias e observações do orientador.” (p.25)

2) Exploração de diferentes tipos de papel e início da confecção de algumas peças:

Para cada aluno foram distribuídos apenas papel e tesoura e a partir desses dois materiais os alunos começaram livremente a manipular o papel, sentindo sua textura e percebendo as cores do mesmo.

Começamos a construir conceitos como:

⁶ Exigência feita pela direção da escola, deixando livre a presença nas oficinas para os alunos.

Dobras;
Vincos;
Retas perpendiculares;
Retas paralelas;
Ângulos;
Diagonal;
Outros.

Pude notar que nesta etapa, que cada aluno expressava naquela folha de papel seu jeito de ser e agir. Foram expressos através do papel tais comportamentos:

- Agressividade (amassando o papel com força).
- Delicadeza (tomando cuidado com a sequencia das dobras).
- Insegurança (dobrando e desdobrando o papel várias vezes).
- Cautela (somente prosseguia após orientação)
- Capricho (riqueza nos detalhes e requinte nas dobras).
- Dispersão (falta de atenção e concentração nas dobras).

Iniciou-se a construção de algumas peças. Começamos com as que possuíam dobras mais simples e gradativamente ia se aumentando o grau de dificuldade na confecção das peças.

O trabalho partia em ensinar as dobras básicas que seria a base da construção de qualquer peça.

Quanto à necessidade de aprender o passo a passo neste contato inicial, Gilbert (2002) nos diz que: “depois de aprender alguns procedimentos básicos, qualquer pessoa está livre para criar; ideias muito boas nascem de variações nas dobras de modelos conhecidos”. (p.9)

Aos poucos, as crianças iam ganhando precisão nas dobras o que lhes permitia mais segurança em experimentar o surgimento de novos modelos.

A cada criação de uma nova peça era explicado à turma o significado daquele Origami para o povo oriental.

As várias maneiras de se dobrarem papéis possuem diferentes significados no Oriente. Assim, pois no Japão o Sapo representa o amor, a fertilidade; a

tartaruga, a longevidade, e o tsuru, (ave-símbolo do Origami), também conhecido por grou ou cegonha, significa boa sorte, felicidade, saúde. (ASCHENBACH, 1993, p. 13)

3) Registro com desenhos e colagem das dobraduras numa folha A4:

Após a construção de inúmeras peças ao longo das oficinas, foi sugerido aos alunos escolherem aquela de que mais gostou ou se identificou em construir.

Neste momento foi entregue uma nova folha de papel em branco para que a criança pudesse colar a dobradura escolhida e concluir seu trabalho desenhando livremente algo neste papel compondo um cenário junto à dobradura⁷.

Nesta etapa verificou-se a autonomia na escolha das dobraduras e os cenários construídos foram diversificados, o que personalizou cada criação.

Ao longo das oficinas pude constatar o quanto o interesse dos alunos pela temática ia aumentando gradativamente à cada aula.

Era notável a empolgação pelo início da construção de cada objeto. Ouvia-se sempre o questionamento: “E agora, o que vamos fazer?”

Com isso ficavam ansiosos para ver a peça pronta e posteriormente criar outras.

A atenção e a concentração dos alunos na execução das peças era um fator significativo. Era a possibilidade de reproduzir o real de forma concreta, naquele simples pedaço de papel.

Aos poucos iam memorizando as sequencias das dobras tendo mais segurança em executá-las sozinhas ou até mesmo em criar modelos não antes existentes.

O prazer demonstrado pelas crianças em lidar com novas experiências foi relevante, pois o Origami também demonstrou ser elemento de fruição no contexto escolar.

No decorrer desta etapa era visível o quanto o emocional e o educativo podem e devem caminhar lado a lado.

Constatou-se que o Origami perpassa as fronteiras curriculares atingindo também o âmbito emocional, muitas vezes deixado de lado ou ocultado na prática escolar.

Vygotsky (1926) se refere às reações emocionais no processo educativo:

⁷ Segue em anexo alguns dos exemplares produzidos pelos alunos.

A emoção não é um agente menor do que o pensamento. O trabalho do pedagogo deve consistir não só em fazer com que os alunos pensem e assimilem geografia mas também a sintam (...).

Por outro lado, são precisamente as reação emocionais que devem constituir a base do processo educativo. Antes de comunicar esse ou aquele sentido, o mestre deve suscitar a respectiva emocional do aluno e preocupar-se com que essa emoção esteja ligada a um novo conhecimento. Todo o resto é saber morto, que extermina qualquer relação viva com o mundo. (P. 144)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com o Origami em sala de aula mostrou ser um excelente recurso didático de interesse dos alunos e principalmente uma ferramenta que propicia o desenvolvimento do espírito criativo, colaborando para o ensino-aprendizagem de inúmeras disciplinas curriculares.

Através desta pesquisa, pode-se observar também que os alunos desenvolveram autonomia no fazer e no pensar. Ao surgimento de cada nova peça, era trabalhado nas crianças a autoconfiança, a iniciativa e a ousadia em aprimorar e superar a feitura de dobras precisas.

Pode-se aplicar a dobradura dentro da sala de aula ou fora dela;

Na criação de objetos artísticos e decorativos, na elaboração de trabalhos escolares, para ilustrar a narração de histórias, na confecção de lembrancinhas de eventos comemorativos, embalagens originais...
É, especialmente, para viver um momento de interiorização, de criação, de expressão de estados emocionais, de contato consigo mesmo, na riqueza de conteúdos internos que são solicitados e elaborados durante o processo de feitura do modelo. (FOELKER, 2003, p. 9)

Por meio de atividades desafiadoras com o Origami, observou-se o trabalho colaborativo, essencial na formação da cidadania, no exercício do trabalho em equipe, necessário à aprendizagem do pensar coletivo.

Este estudo confirma o que Sá (1997) nos afirma: “para a criança o ‘Origami’ proporciona disciplina mental necessária ao seu crescimento rumo à maturidade” (p.2)

Esta experiência permitiu também, que se pudesse aproveitar as vivências dos alunos na conclusão das etapas desenvolvidas nas oficinas.

Destacou-se também pelo interesse demonstrado por parte das professoras⁸ em se aprofundarem no estudo desta técnica, demonstrando iniciativas para na realização de cursos de aperfeiçoamento de Origami.

⁸ Empregou-se o termo professora, pelo fato do corpo docente formado pela escola ser composto exclusivamente por mulheres.

Concluo este trabalho propondo a ampliação desta iniciativa no cenário escolar, no objetivo de possibilitar aos professores e alunos o contato com uma nova ferramenta pedagógica versátil, eficaz, de baixo custo e fácil acesso que é o Origami.

REFERÊNCIAS

ASCHENBACH, Maria Helena Costa Valente, **As dobraduras de Papelino**. São Paulo, Nobel, 1993.

FOELKER, Rita, **Objetos decorativos em Origami**. Editora Global, São Paulo, 2003

GENOVA, A. Carlos, **Origami escolar; dobraduras**. 1ª edição, São Paulo, 1998.

_____. **Origami: a milenar arte das dobraduras**. São Paulo: Editora Escrituras, 2001.

IMENES, L. M. **Vivendo a Matemática: Geometria das dobraduras**. São Paulo: Scipione, 1988.

KASAHARA, Kunihiro, **Origami Omnibus**. Tokio: Japan Publications, Ins, 1998.

KODA, Y., **Origami**. Caderno de Cultura da Aliança Cultural Brasil-Japão. São Paulo, 1986.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005
Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Artística, 1997.

PIAGET, Jean. **L'Education Artistique et la Psychologie de L'Enfant**. in Art et Education: recueil d'essais. Paris: Unesco, 1954

REGO, Teresa Cristina, **Vygotsky – Uma Perspectiva Histórica – Cultural da Educação**. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

SÁ, Dário de, **Origami: Arte japonesa em dobras de papel**, 12ª edição, Editora Ediouro, Rio de Janeiro, 1997.

SANS, Paulo de Tarso Cheida, **A criança e o artista; fundamentos para o ensino das Artes Plásticas**. Campinas, SP, Editora Papirus, 1994.

SOUZA, Wadimir Alves, **Artes Plásticas/ II**. Rio de Janeiro, Bloch/Femana, 1980.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch, **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____, **A Formação social da mente**. 6ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____, **A Pré-História da linguagem escrita**. São Paulo, 1984.

WALLON, Henri, **As origens do caráter na criança**. Nova Alexandria, São Paulo, 1995.

ZÛLAL, Aytüre Scheele, **Dobraduras Divertidas: Origami em cores**. Editora Siciliano, 1997.

Consultas na Internet

Ayki, Jujutsu. Disponível em www.bugei.com.br ; Acessado em Outubro/2010.

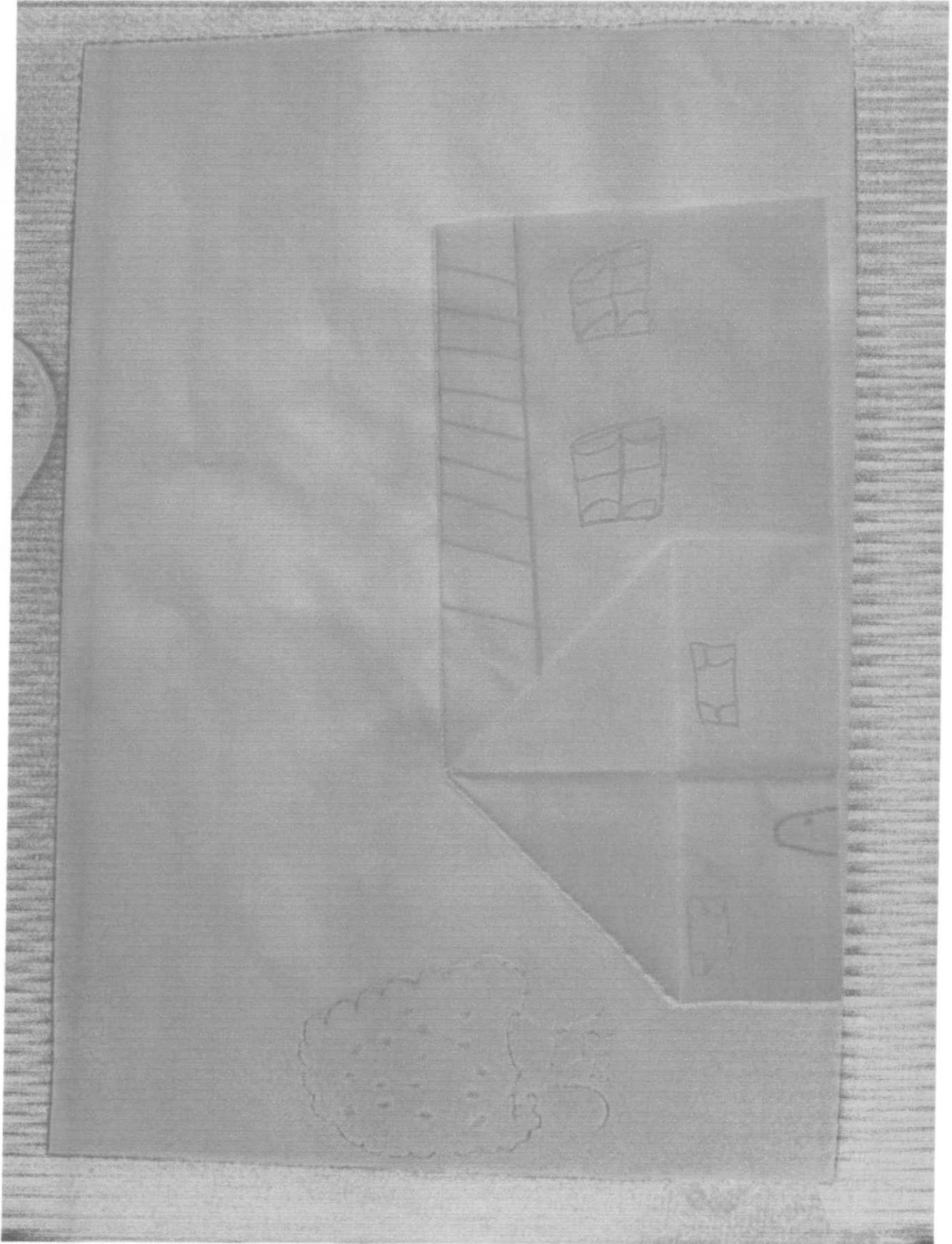
MATOS, Karla. Disponível em www.ferrazorigami.com.br; Acessado em Setembro/2010.

MIEKO, Sabrina. Disponível em suzumeorigami.blogspot.com/2009/.../froebel-11.html; Acessado em Novembro/2010.

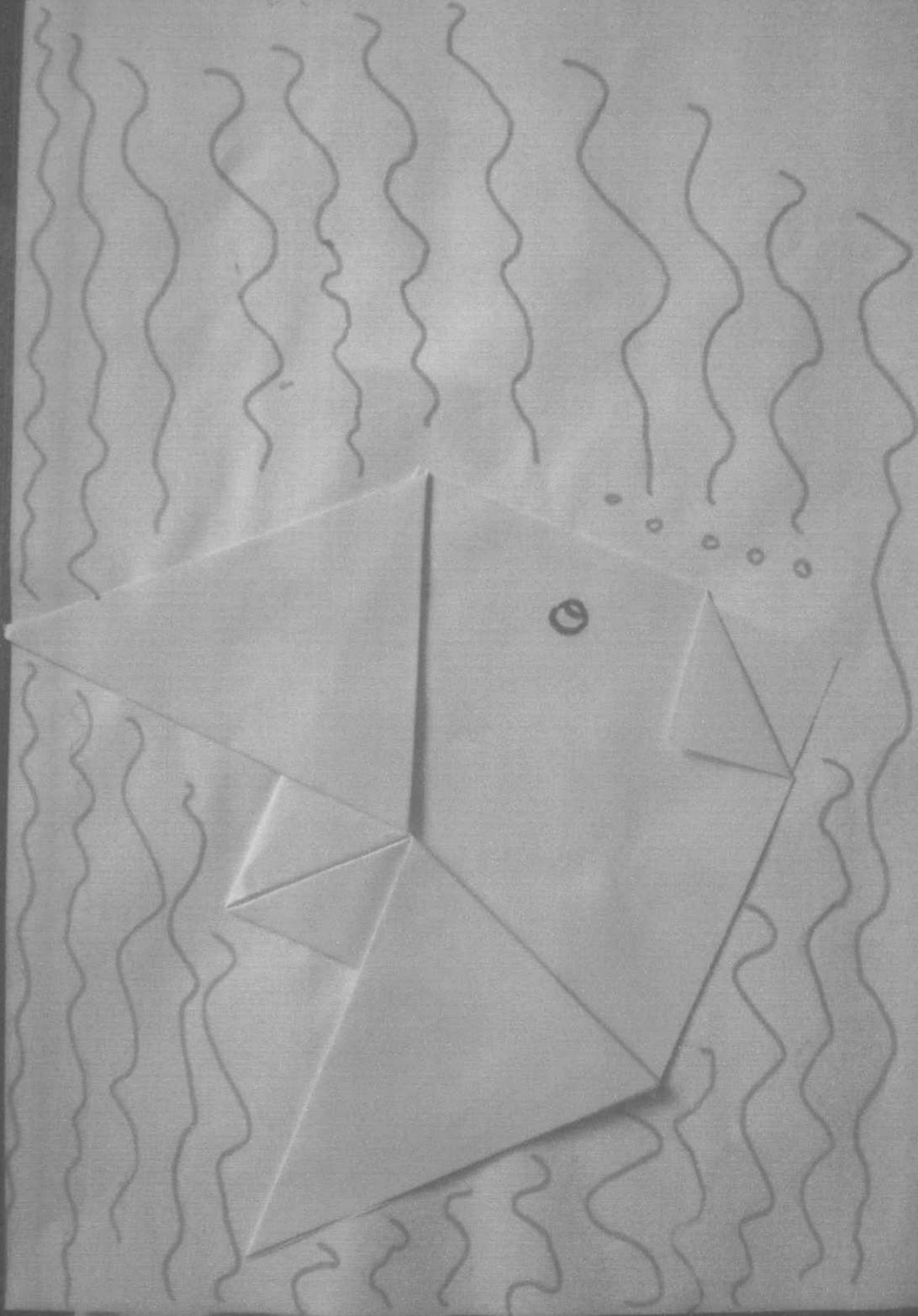
PERCÍLIA, Eliene. Disponível em www.brasilescola.com › Artes. Acessado em Outubro/2010.

XR, Valério Marcus, O Xintoísmo e a identidade cultural do Japão. Disponível em www.comunidadeespirita.com.br/.../xintoismo%20monografia.htm. Acessado em Outubro/2010.

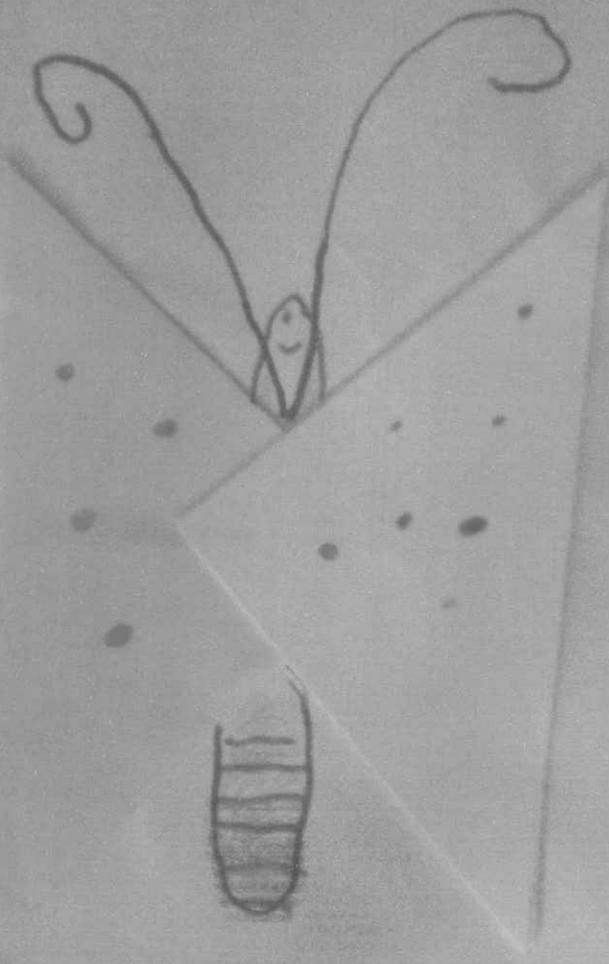
Anexo I



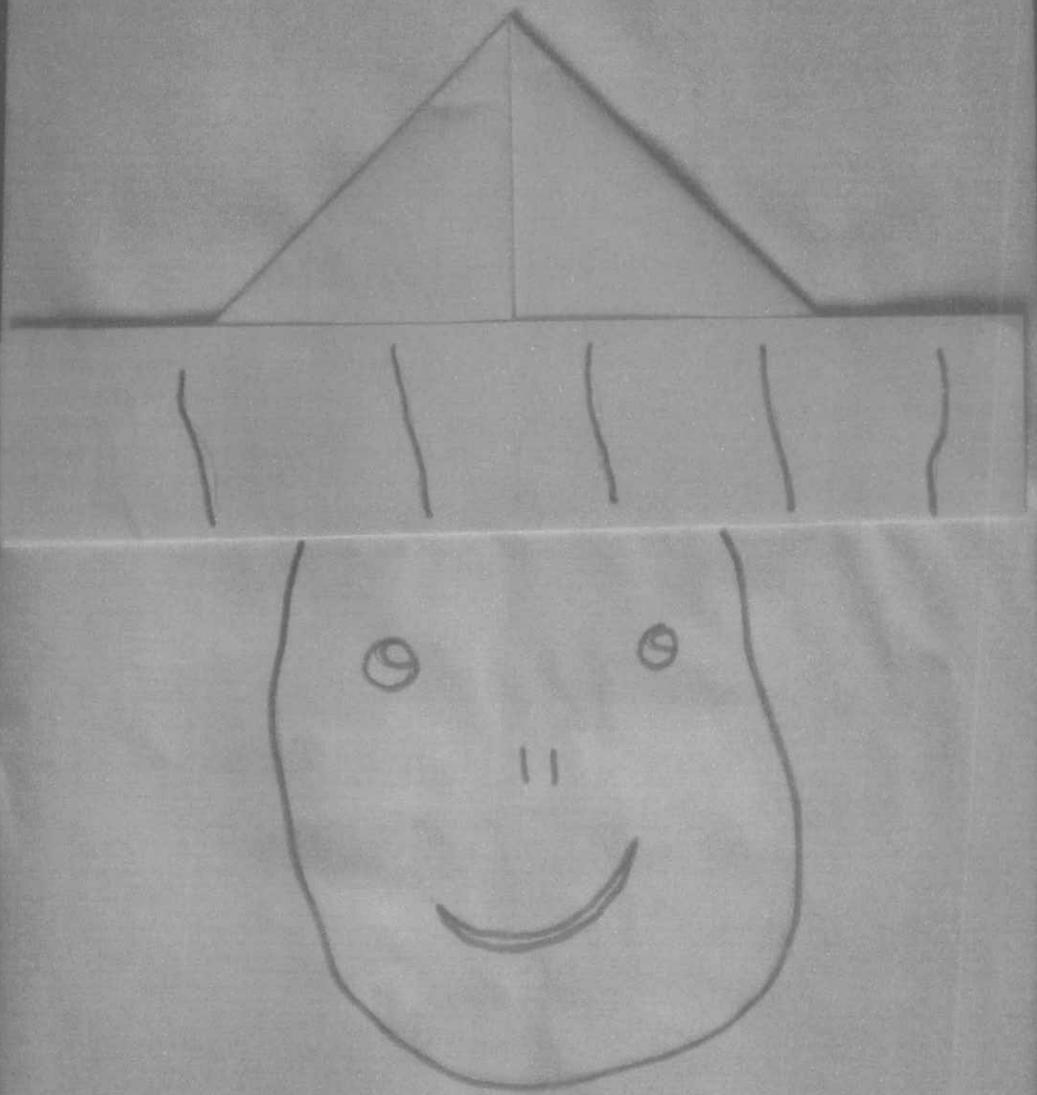
Carolina



Thamirus



Atom

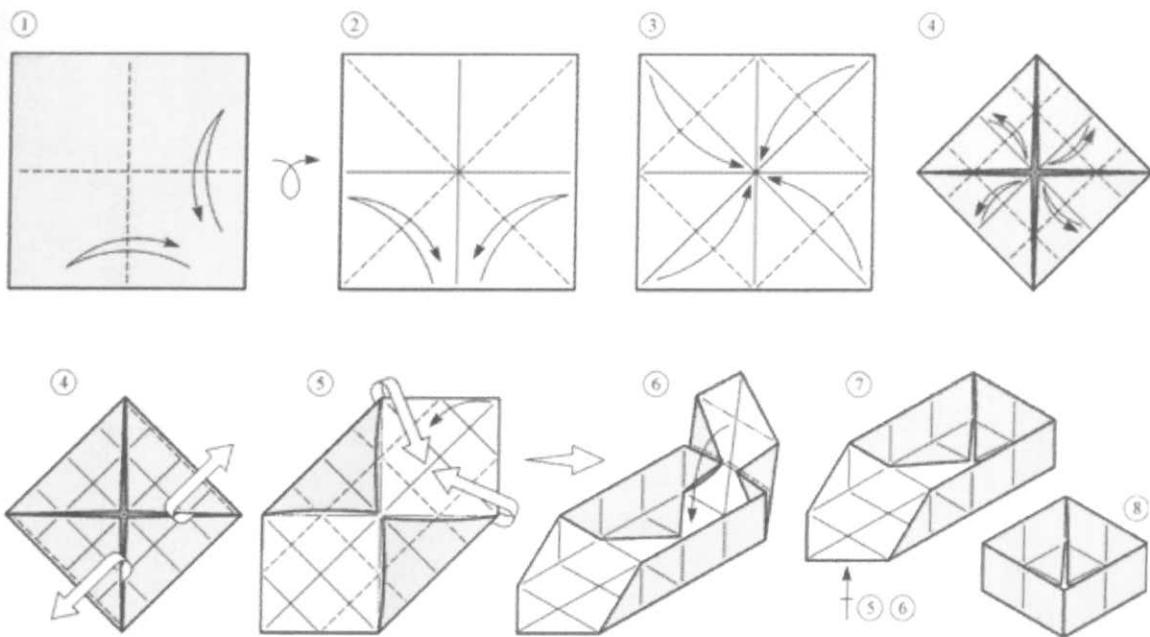


Anexo 2

Exercícios:

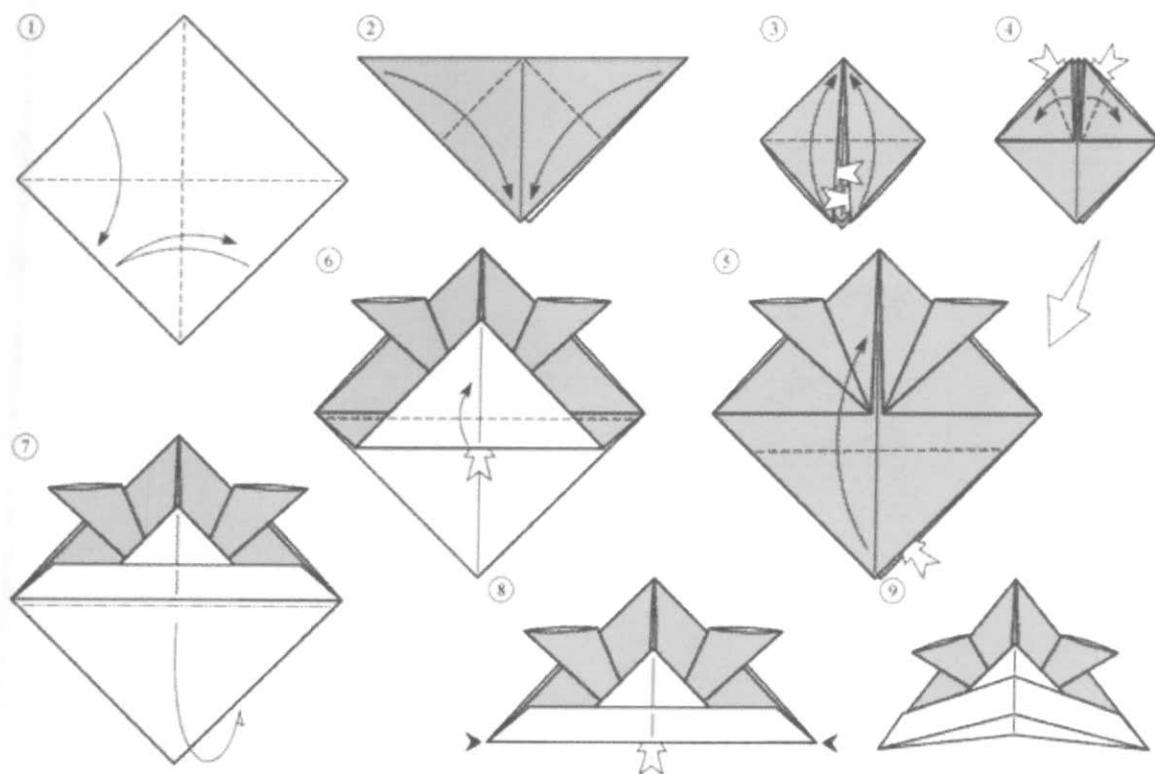
Construção de uma caixa

Passo a passo:



Construção de um chapéu de Samurai

Passo a passo:





UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Kelly Patrícia Andrade Leira

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: O Origami como uma ferramenta pedagógica no Ensino Fundamental

ORIENTADOR(A): Sandra Albernaz de Medeiros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Marcio da Costa Barbat

Nota: 9,0

Considerações:

O trabalho de conclusão de curso está bem escrito, com o objetivo claro e deixa evidente que o Origami pode ser usado na prática pedagógica da escola.

A pesquisa com os alunos na escola poderia ser analisada com maior teor teórico e prática, privilegiando o Origami com as diversas áreas de conhecimento, como a matemática, geografia, etc.

Como continuidade na formação, indico a ampliação da pesquisa, integrando a prática pedagógica com a formação de professores. Como foi desenvolvido nas oficinas com os alunos, o professor deve manter o olhar de reflexão no dia-a-dia em qualquer espaço educativo.

DATA: 15/10/2010

Assinatura: Marcio da Costa Barbat

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Sandra Albermar de Medeiros

Nota: 9,0

Considerações:

Reafirmo o comentário do prof. Mario. Acrescento que o tom desta monografia é poético. Neste sentido valeria a pena aprofundar este componente em um possível trabalho a ser feito num futuro próximo!
Considero o trabalho da Kelly delicado e sensível, tal como a autora.

Data: 16.12.2010

Assinatura: Sandra Medeiros

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
9.0	9.0	9.0

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 2010.

Sandra Medeiros
Prof. Orientador